

[passos e rangido de porta]

[som de água corrente]

[Arnaldo]

Ah, família classe média,
meu pai era professor
a vida inteira.

Eu tenho seis irmãos.

Sou o do meio, o quarto filho.

Tinha uma timidez assim,
mas ao mesmo tempo,
o fato de ter muitos irmãos
dá uma quebrada nisso
e dizem que eu aprontava
legal também.

Enfim, eu não era uma
criança muito comportada.

♪ "Atenção",

por Arnaldo Antunes ♪

♪

♪ Atenção ♪

♪ Essa vida contém
cenas explícitas de tédio ♪

♪ Nos intervalos da emoção ♪

♪ Atenção ♪

♪ Quem não gostar
que conte outra, ♪

♪ encontre, corra atrás,
enfrente, tente, invente ♪

♪ sua própria versão ♪

♪ Aqui não tem
segunda sessão ♪

♪ Aqui não tem
segunda sessão ♪

♪ Aqui não tem
segunda... ♪

♪

[zunido do vento]

Crianças entram na escola
aos dois anos de idade e tal.

Na minha família era assim,
fazia aulas particulares
e a gente se preparava,

quando entrava na escola era
já no primeiro ano do primário.

Eu nunca tinha ido na escola,
de repente chegava num colégio
que era muita gente.

E eu não gostava de estudar.
Eu associava estudar
a ter que decorar as coisas.
Aí quando eu saí desse colégio,
foi quando despertou
o desejo criativo.
Eu comecei a desenhar,
escrever, ter aula de violão,
tudo na mesma época.
Treze anos.
Eu lembro de um dos primeiros
poemas que eu fiz,
e era um poema que já tinha
essa ideia de subverter um pouco
a forma tradicional
da linguagem.
Havia uma amálgama da última
sílabas do verso anterior
com a primeira do verso
seguinte. Era o mesmo som.
Então aquilo, de certa forma,
ia fazendo como que ficasse
tudo emendado,
já tinha uma brincadeira formal
com a linguagem
desde essa época, assim.
Eu me lembro mais ou menos,
era assim:
"Vento, por que bates
à minha janela
lá fora tudo está bombas porque
explodem em meu coração..."
Sabe, e é tudo emendando assim.
Era um poema maior,
não vou me lembrar de tudo,
mas começava assim.
Então o som final de um verso
emendava com o primeiro
do verso seguinte
e criava uma coisa
que ia sendo amalgamada assim.
[ruído do projetor]
Isso é Super 8, é?
Que barato!
Cara, esse é o "Equipe"
da Caio Prado?
Não, da Martiniano...

Aquela fachada...
Ih, muito rápido!
E aí quis fazer o colegial
no Colégio Equipe,
era um colégio que incentivava
muito as linguagens artísticas
e tal.
E pra mim foi uma renovação
de horizontes, assim.
Ele tinha uma semente de muita
gente que passou a fazer
coisas importantes.
Olha aí o Cao.
Um monte de gente partiu
pra um trabalho importante
culturalmente, seja no cinema,
na música, na literatura,
nas artes visuais,
no jornalismo também, né.
Olha o Nando.
[risos]
E foi quando eu conheci todos
os integrantes dos Titãs.
A gente vivia ali na quadra,
sentados ali.
-Ali acontecia
os shows também.
Os shows eram ou dentro
do teatro ou na quadra.
O show dos Novos Baianos
foi na quadra.
Me lembro do show do Cartola,
Nelson Cavaquinho,
Clementina e Elton Medeiros,
foi incrível,
foi na quadra também.
Aí o show do Caetano
foi na quadra,
show do Gil foi na quadra.
E quem fazia
a programação cultural
era o Serginho Groisman.
Olha lá a Zita.
Leda, Leda Catunda.
Você vê que tinha
um potencial ali
que teve muito

desdobramento posterior.
[burburinho]
Olha eu.
Sou eu, sim.
Sensacional.
Aí nessa época eu fiz um filme,
um longa-metragem junto com o
Plínio, que é o "Temporal".
A atriz principal era a
Zita Carvalhosa,
o Paulo Miklos fez umas músicas,
fez a trilha junto.
Envolveu muita gente.
Não lembrava que tinha esse
cartaz escrito "Lugar Nenhum".
Depois a gente fez a música
"Lugar Nenhum",
muitos anos depois.
Muito bom de ver isso.
Eu era apaixonado pela
coisa de poesia, de canção.
Essas coisas juntos.
Sempre aconteceram juntos,
desde muito adolescente, assim.
Eu acho que a canção popular
me trouxe muito também
do gosto pelo jogo
de palavras e tal.
E aí eu fui buscando isso
aos poucos na poesia,
fui também fazendo
essas ligações.
Acho que eu cresci num período
em que a poesia da época
estava próxima da música
popular, sabe?
Um pouco depois eu fui achar
essa conexão nas revistas
de poesia.
E aí comecei...
eu era apaixonado
por coisa gráfica.
O cheiro da tinta, aquela coisa.
A gente fazia nessa
época tudo com pestape,
aquela cola...
e eu gostava muito.

Editei junto com o Beto Borges
e o Sergio Papi
essa revista, "Almanak 80",
em 1980, logo no comecinho
da década.
O "Kataloki", que a gente fez
no ano seguinte,
já era uma revista
com um número muito maior
de colaboradores, entendeu?
Era um projeto mais ambicioso,
com a capa dura,
impressa em serigrafia.
Eu que fiz essa
caligrafia da capa.
Já era um pouco seduzido
pela coisa da caligrafia,
era a mesma época que eu estava
editando o "Ou/E",
que é o meu primeiro livro,
ainda assinado
como "Arnaldo Antunes Filho".
Esse livro "Ou/E", que eu fiz,
é um livro objeto,
tem essa coisa de viagem
com poesia visual,
só que trabalhando com o traço,
com a espessura do traço,
com um tipo de trabalho
com a caligrafia de trabalhar
o sentido através de uma
entonação gráfica,
que nem a gente tem a entonação
da voz, então,
o comprimento de um traço,
a forma, disposição na página,
tudo isso dariam dados do
sentido que são à parte, assim,
que dão uma tonalidade além
do próprio sentido,
no sentido tradicional
do sentido.
Aí eu fui buscando essa coisa
da entonação visual.
Alguns trabalhos têm uma
coisa mais de colagem e tal,
mas a maioria tem...

Olha, isso era uma releitura
de fragmentos das "Galáxias",
de Haroldo,
como se o traço
e a altura e formato,
tamanho da letra, tudo isso
dessem sugestões de sentido.
Tinha esse objetozinho.
A ideia de fazer
um objeto de mesa.
"Ficou olhando...
Ficou olhaaando ela parada
como se estivesse
'passs...ando'."
Era bem...
Reflete bem a minha paixão
pela coisa gráfica, assim.
Meu sonho era ter uma gráfica
em que eu pudesse ficar
fazendo essas coisas.
Eu comecei a namorar
com a Go lá no Rio,
e aí ela se mudou
pra São Paulo comigo.
Eu ainda não tinha alugado
meu apartamento.
O Aguilar falou:
"Vem morar aí um tempo",
e eu fui, enfim.
O Aguilar tinha essa coisa
de abarcar mesmo,
de abraçar as pessoas
e hospedou a gente,
e acabamos ficando um ano lá.
[performance vocal]
Ah...
Como minha "mina" é bonita...
O Aguilar tinha uma coisa
um pouco não ligando pra coisa
mais acadêmica,
mais intelectualizada e tal,
então era uma coisa
meio de correr o risco,
de fazer na cara dura.
A grande lição de Aguilar
pra mim era coisa de você fazer
sem saber fazer.

E aprender a fazer fazendo
e aí ele virava um mestre
só de ver ele fazendo
e fazer junto e tal, era tudo
um pouco mais para o mundano.
A Go tocando violino.

Agora, a minha participação na
banda era muito de performance,
eu chegava com uma mala,
entrava no palco com uma mala
cheia de objetos
como performance nonsense,
assim.

Eu abria um livro e começava
a cortar as páginas dele
com a tesoura, pegava um disco
de vinil e penteava
com uma escova
como se fossem cabelos.

Tinha a coisa da performance
que era mais ligada
ao universo das artes plásticas,
mas daí acabou sendo
um projeto de música,
e aí acabou trazendo,
eu mesmo, ao entrar
na Banda Performática,
acabei trazendo o Paulo Miklos,
o Thomaz Brum,
que eu tinha conhecido no Rio.

Aí o disco da banda, o Aguilar
chamou o Belchior para produzir,
na verdade foi o primeiro disco
que eu participei
antes de ter Titãs,
antes de tudo isso.

O disco é de 81,
eu tinha 20 anos, 21...

[som da água corrente]
f "Cabeça Dinossauro",
de Titãs f

f

Quando aconteceu, no Brasil,
o Tropicália
e estava acontecendo o movimento
Hippie no mundo,
o surgimento da Contracultura,

eu tinha, sei lá,
entre sete e 13 anos.

]

Quando eu estava entrando
na faculdade,
tinha um outro tipo de
mentalidade ligada ao universo
do rock and roll, mas que era
uma coisa de um tipo
de atitude diferente, sabe?
Quando pinta o punk
principalmente.
Esse intervalo entre o fim
do Equipe,
os primeiro shows dos Titãs
são de 82,
a gente começou a conhecer
um pouco mais
desse rock internacional
e dessas mudanças.

]

Na época do Equipe, eu já
fazia música com o Paulo.
O Marcelo e o Branco tinham
um trio com o Bellotto,
que era o "Trio Mamão".
O Nando tinha outra banda
chamada "Camarões",
o Brito já compunha,
também desenhava,
gostava muito de desenhar.
Com o tempo,
depois que saiu do Equipe,
a gente continuou fazendo música
e aí alguns projetos
a gente participou juntos.
Daí que essa foi a semente
da banda e a gente falou:
"Vamos fazer, vamos
investir nos Titãs e tal."
Eu queria que eles
começassem então.
Você tem alguma coisa
a dizer, Arnaldo?
Sobre a sua participação hoje,
sobre fato de a RTC
estar abrindo um espaço

pra música,
vocês que nunca tocaram
em televisão,
estão sempre pedindo um espaço.
Você acha que não é um barato a
RTC abrir esse lugar pra vocês?
Não sei.

Acho bom, acho legal.

[Apresentador] Pode crer,
Arnaldo, acha legal a RTC abrir,
excelência em canal,
pra todo mundo.

] "Vá Trabalhar", de Titãs]
] Vá trabalhar, mas volte,
não se esqueça dos seus filhos]
] Dinheiro é pra gastar]
] Dinheiro é pra gozar
com a família]
] Vá se enfeitar, pinte a boca,
ponha falsos cílios]
] Você quer se matar,
você já tá pra lá de a perigo]

[Arnaldo] Com os Titãs
era interessante,
porque ninguém era
instrumentista.

A gente aprendeu a tocar
juntos pra mostrar...
todos eram compositores,
na verdade.

A gente queria mostrar
as nossas músicas
e aí a gente aprendeu a tocar
juntos mesmo, assim.

E a gente queria mostrar
as nossas composições.

Aí começamos a ensaiar muito
e a fazer apresentações
por São Paulo, em casas
noturnas, onde dava pra tocar.

Na época tinha muito lugar
pra tocar ao vivo em São Paulo,
tinha uma cena muito viva
de bandas de rock...

a gente adorava tocar ao vivo.

Essa foi nossa escola.

A gente aprender a tocar

tocando, fazendo show.
] "Sonífera Ilha",
de Titãs]
Atenção passageiros do voo 727
com destino à Sonífera Ilha.
Apertem os cintos e boa viagem.
]
[Arnaldo] "Sonífera Ilha"
foi nosso abre caminho,
foi a música que foi um estouro
de rádio, um sucesso de rádio.
] Não posso mais viver assim
Ao seu ladinho]
] Por isso colo meu ouvido no
Radinho]
] De pilha]
] Pra te sintonizar]
[Arnaldo] Mas é uma música
que tinha um apelo forte ali.
Enfim, essas coisas
são inexplicáveis.
] Sonífera ilha]
] Descansa meus olhos]
[Arnaldo] Não sei o quanto
é a música,
o quanto é o nosso visual,
nossa performance.
Uma banda de oito caras
chegando, ninguém conhecia,
ninguém sabia
o que era os Titãs.
] Sonífera ilha]
[Arnaldo] Mas, depois que a
gente assinou o contrato,
aí teve uma coisa da banda
se profissionalizar, entendeu?
A gente que, por exemplo,
marcava os shows,
era a gente mesmo que fazia
o transporte e tudo.
Aí de repente a gente teve
que ter um empresário,
de ter compromissos
no Brasil todo.
Divulgação, de shows,
mudou o patamar da coisa.
] Sonífera ilha...]

[Arnaldo] E aí, depois disso
veio "Televisão".
] "Televisão", de Titãs]
]
O produtor desse disco
foi o Lulu Santos,
a gente chamou ele
pra produzir e tal.
Ele foi pra São Paulo,
passou um mês, sei lá,
gravando com a gente e tal.
] A televisão me deixou
burro, muito burro demais]
E essa música, ele resistia
um pouco a ela, sabe?
Tinha as músicas
que ele gostava mais
e essa ele não entendia direito,
acho que ele achava
que era uma música
que falava contra
a televisão.
E não era verdade,
a gente adorava televisão,
a gente gostava de fazer
programa de TV,
de assistir TV e tal.
É um personagem, na verdade,
que não é imune a nada.
É um personagem que tudo
aconteceu com ele.
É uma música que tá
falando contra a imunidade
que você cria como uma redoma
contra o mundo, entendeu?
Aí o "Televisão" foi o segundo
disco, teve um certo sucesso
e tudo isso,
mas não foi um êxito.
Foi um disco a que a gente ficou
um pouco decepcionado
com a recepção dele.
O terceiro foi o
"Cabeça Dinossauro",
aí já foi um outro tipo
de estouro,
porque aí era um disco

com aquela violência,
com aquele discurso mais...
Cada faixa falando
das instituições,
um disco muito pesado
e tudo isso.
E aí, quando a gente fez esse
primeiro disco com o Liminha,
que foi uma parceria
também muito fértil,
aí eu acho que aconteceu, assim,
enfim, o registro sonoro
que nos deixou felizes.
] "Bichos Escrotos",
de Titãs]
]
] Bichos, saiam dos lixos]
] Baratas me deixem ver
suas patas]
] Ratos entrem nos sapatos]
] Do cidadão civilizado]
] Pulgas, que habitam
minhas rugas]
] Oncinha pintada
zebrinha listrada]
] Coelhoinho peludo]
] Vão se foder!]
] Porque aqui na face da Terra]
] Só bicho escroto
é que vai ter]
]
[Arnaldo] O discurso,
quando está adequado à maneira
como você musica ele,
aquilo pode ser muito potente.
É!
Pode ser!
É!
Pode ser, pode ser,
pode ser, pode ser!
O que era a última
faixa do lado dois
do "Cabeça Dinossauro", era a
música que encerrava o disco.
] Não é o que não pode ser que
Não é o que não pode]
] Ser que não é

O que não pode ser que não]
] É o que não
Pode ser]
] Que não
É]
É uma frase lógica,
vazia de sentido.
] Que não é o
que não pode ser]
] Que não é o que não
pode ser que não é]
] O que não pode
Ser que não é]
] O que não pode ser que não]
] É!]
É só um desdobramento
que vai transformando,
mas ao mesmo tempo,
tá repetindo
um discurso lógico,
vazio, enfim.
É um exercício
de linguagem lúdico.
]
Olha lá.
] Que não é o que não
pode ser que não é]
] O que não pode ser que não]
] É o que não]
Claro, juntou a coisa
da música pop com uma coisa
de um poema, com uma coisa
mais construtivista,
com influência da coisa
da poesia concreta.
Na verdade, é o mesmo módulo
que vai se repetindo,
que desdobra ele em muitas
frases diferentes.
Então, depois de ter gravado
a canção, eu acabei vendo
que dava pra cantar a música
inteira dentro de um círculo,
quer dizer, evidenciando isso
de que era um...
um módulo de linguagem
que era circular.

Ele voltava ao início, enfim,
"Que não é o que
não pode ser que...
Não é o que não pode ser
que não é...
O que não pode ser que não...
É o que não pode ser que não...
É...

O que não pode ser que...
Não é o que não pode ser...
Que não é o que...
O que, o que..."
Só aqui que volta.
"Lugar Nenhum" é do lado B
do disco... Não.

Gente...

┌ "Lugar Nenhum", de Titãs ┐

└

[burburinho ao fundo]

Arnaldo, eu poderia citar
o que os críticos disseram,
mas eu gostaria que você fizesse
uma análise e me dissesse
qual a diferença
dos Titãs com e sem você.

[Todos]

Hey, hey, hey...

[Arnaldo] Os Titãs

eram uma turma mesmo,
uma turma de composição
o tempo todo.

A gente saía do show,
ia para o hotel,
ia para o quarto de alguém
fazer música.

Somos os oito cavalos

no desfiladeiro,
numa charrete sem fim.

Somos oito cavalos
puxando uma biga desgovernada.

Somos oito "testa di cazzo".

"Testa di culo", cada um
com a sua raça, sua cor,
com sua visão, com sua viagem.

┌ Não sou brasileiro ┐

┌ Não sou estrangeiro ┐

[Arnaldo] Com muita brincadeira,

tinha uma linguagem.
Eu acho que quem chegava
perto dos Titãs
se assustava um pouquinho.
Com os códigos que tinha
entre a gente,
tudo parecia bem impenetrável
pra quem era de fora, sabe?

]

] Não sou de São Paulo,
não sou japonês]

] Não sou carioca
não sou português]

] Não sou de Brasília
não sou do Brasil]

] Nenhuma pátria me pariu]

Alô...

Alô...

A saída de Arnaldo Antunes
piorou os Titãs.

A saída de Arnaldo Antunes
melhorou os Titãs.

Com qual você fica?

] Eu não tô nem aí,
eu não tô nem aqui]

O que você acha dos Titãs, eu
quero saber se você vai voltar,
porque você se separou
dos Titãs e como--

[Arnaldo] Mas é melhor
fazer uma de cada vez.

[Jornalista]

Não, é tudo Titãs.

[Chacrinha cantando]

Não sou estrangeiro...

Eu sou brasileiro...

]

] Algo é o nome do homem]

] Coisa é o nome do homem]

] Homem é o nome do cara]

] Isso é o nome da coisa]

] Cara é o nome do rosto]

] Fome é o nome do moço...]

Eu vinha fazendo a coisa do
"Nome" ainda estando nos Titãs.

Era quase que um trabalho
musical solo

juntando com que eu fazia
em poesia, enfim,
era uma coisa muito
realizadora pra mim.
E individual nesse sentido de
ser diferente do que eu fazia
com os Titãs, que era tudo muito
democraticamente repartido.
] "Acordo",
de Arnaldo Antunes]
] Concordo, discordo]
] Concordo, discordo]
Sair dos Titãs foi quase
que um recomeço de carreira,
mas ao mesmo tempo não teve
nenhuma briga,
nenhuma discordância a dizer...
Não, não quero
fazer parte disso.
Eu estava ali na banda,
como sempre,
só que eu fui
não cabendo ali, eu acho.
Fui tendo um desejo,
um anseio de realização
que não cabia mais ali.
] incidental]
[Jô] Arnaldo, eu fiquei
impressionado.
Eu recebi aqui em casa,
o vídeo, o livro, o disco,
tudo com um tratamento,
assim,
nota dez.
Fica muito diferente o Arnaldo
solo do Arnaldo com os Titãs?
Eu acho que é
bastante diferente.
Eu acho que com o projeto
do disco, por exemplo,
ele é um disco que tem
muita diversidade,
é um disco que não tem
uma sonoridade...
que tá presente no disco todo.
Cada faixa é uma
formação diferente,

tem muita experiência de estúdio
e tem um trabalho de...

Que percorre diversos gêneros,
não é um disco de rock
ou de outro gênero.

É meio inclassificável, assim.

[Jô] Não tem rótulo.

[Arnaldo] É.

Deixa eu mostrar aqui o livro,
que eu já mostrei, né?

Nós temos aí o vídeo?

Eu vou te pedir licença pra
gente exhibir aqui uns trechos.

[Arnaldo]

Claro.

[Jô]

Solta, por favor.

] Não tem que

Nem precisa de]

] Não tem que precisar de]

] Nem precisa ter que]

] Não tem que precisar ter que]

] Nem precisa ter

que precisar de]

]]

[Arnaldo] Durante os dez anos
em que estive nos Titãs,
eu publiquei três livros
de poemas.

Dois de poemas, o "Psia"

e o "Tudos",

Depois o "As Coisas",

que era de poema meio prosa.

E isso, pra mim, ficou

um caminho muito sedutor,

em que eu percebi que todos os
recursos gráficos que eu usava

nos livros ou nos poemas

visuais, eu podia usar...

Com os novos programas

de animação,

eu podia usar a cor, o tamanho

da letra, a disposição,

mistura de foto e texto.

Tudo que eu usava na página,

eu podia usar na tela

com os programas de animação

e ainda inserindo
uma nova dimensão, que era
de movimento na palavra escrita.
Foi quando eu vi que era
possível juntar, talvez,
o que eu vinha fazendo na
música e o que eu vinha fazendo
na poesia na minha produção de
livros, de poesia visual e tal.
"Nome Não".

∫
∫ Os nomes dos bichos
não são os bichos ∫
∫ Os bichos são ∫
∫ Macaco, gato ∫
∫ Peixe, cavalo ∫
∫ Macaco, gato, peixe, cavalo ∫
∫ Vaca, elefante,
baleia, galinha ∫
∫ Os nomes das cores
não são as cores ∫
∫ As cores são ∫
∫ Preto, azul amarelo,
verde, vermelho, marrom ∫
Tudo vem antes da palavra.
A palavra como a gente
usa aqui na nossa conversa,
ela não é uma palavra "coisa"
como ela é na poesia, entendeu?
Ela tá intermediando
a nossa relação com o mundo,
com as outras pessoas e tal.

[Jô]
O "Nome", né.
Arnaldo Antunes,
o disco, o CD e o livro.
Como é que isso vai ser do ponto
de vista de comercialização,
como é que vendido isso?
Na verdade são dois produtos,
comercialmente falando, o...
Foi um fracasso comercial,
vamos dizer assim.
Na época ainda tinha LP, né,
era o LP, o CD e o vídeo,
que era um VHS acompanhado
de um livro.

Era uma coisa que a gravadora
não sabia como colocar.
Na época, livraria
não podia vender vídeo
e a loja de disco
também não sabia
como colocar o livro
junto com o vídeo.
Era um produto que não tinha
onde caber no mercado da época.

[aplausos]

] Algo é o nome do homem]
] Coisa é o nome do homem]
] Homem é o nome do cara]
] Isso é o nome da coisa]
] Cara é o nome do rosto]
] Fome é o nome do moço]
] Homem é o nome do troço]
] Osso é o nome do fóssil]
Agora, o "Nome",
ao mesmo tempo, abriu portas
para todo um outro circuito,
outro mundo que eu nunca
nem previa, nem esperava.
Foi um vídeo que também abriu
portas pra vários festivais
de performance que eu fazia.
Uma apresentação
mais performática,
mais voltada para a poesia.

[Mulher]

Multiplicar imagens.

Dividir imagens.

[Arnaldo] Disso.

[Mulher]

Multiplicar...

[Arnaldo] Ide...

[Mulher] Ideias,

Dividir ideias...

[Arnaldo] Foi também um
abre alas para outros lados,
que foi muito legal.

Grazie.

[aplausos]

Por exemplo, eu me lembro
de participar daquele projeto
"Arte/Cidade", que...

Oh! É isso!

Olha!

Então, eu participei desse
projeto "Arte/Cidade"
com uma colagem desses
cartazes lambe-lambe,
que eu imprimia os poemas
nos cartazes e aí colava,
rasgava com a mão
e colava uma segunda.

Era quase uma pintura gigante
que eu ia fazendo
com esse material
de cartazes e cola.

] "Diferente",
de Arnaldo Antunes]

]

Foi um procedimento que eu
inventei de fazer e tal,
mas que depois eu fiz
a convite em muitos lugares.
Fiz num festival em Santiago,
fiz no Porto,
nessa Galeria Labirinto,
fiz na Bienal de São Paulo.
Isso é a abertura da exposição
na Galeria Labirinto, no Porto.

Eu, na verdade,
comecei a fazer performance
com a coisa do Aguilar,
essa coisa de atuar
performativamente,
que tem uma diferença enorme
com a ideia de representação
do teatro, é uma coisa de você
estar ali integralmente sendo,
só que usando o tempo e a
presença de uma outra forma.
Quando eu faço performance
sozinho, eu sempre acabei
voltando o exercício pra coisa
da poesia, da palavra.

[em inglês]

...após o "Z"...

Before the zero.

E aí juntando com uso de
objetos, como as letras de metal

ou globo, ou de tinta.
Depois desenvolvendo algumas
coisas de efeitos também,
de eletrônicos,
de distorção de voz.
Eu geralmente uso também vários
registros de explorar,
vários registros da voz,
do berrado ao sussurrado,
ao entoado, ao falado,
o ritmo, tudo isso
acaba sendo explorado, mas muito
voltando para a poesia.

Acabei indo muito
por esse caminho.

∫ "O Nome Disso",
de Arnaldo Antunes ∫
∫ O nome disso é mundo ∫
∫ O nome disso é Terra ∫
∫ O nome disso é globo ∫
∫ O nome disso é esfera ∫
∫ O nome disso é azul ∫
∫ O nome disso é bola ∫
∫ O nome disso é hemisfério ∫
∫ Como é que chama
o nome disso? ∫
∫ Como é que chama
o nome disso? ∫
∫ Como é que chama
o nome disso? ∫
∫ Como é que chama
o nome disso? ∫
∫ O nome disso é rotação ∫
∫ O nome disso é movimento ∫
∫ O nome disso é representação ∫
Como na performance,
a poesia tem um...
O corpo está muito presente no
gestual e no uso da voz e tal.
O barato também da caligrafia
é a presença do corpo.
∫ O nome disso é chão ∫
∫ O nome disso é aldeia ∫
∫ O nome disso é isso ∫
∫ O nome disso é aqui ∫
∫ O nome disso... ∫

Na caligrafia

you have the trace of the gesture.
You seem to perceive the
velocity or vagueness of the hand,
you have the tremor, you have a
series of information about...
It seems to have something
of the body very present
in the stroke, it is the trace of the gesture.
Poetry does not need
to make sense,
it needs to make meanings.

[laughs]

She, in truth,
suggests various meanings,
she substitutes, perhaps,
the idea of a univocal meaning
by the suggestion
of multiple meanings.
That she unfolds
into interpretations and all that.
I like poetry
that values clarity.
I don't like much of that
poetry that is obscure,
more surrealist, that you...
It has a veil of mystery,
that you don't know
what it is.
I like the thing
that needs to be understood?

]

I never felt like a visual artist
in the sense of doing
specifically that, just as
I don't feel like a musician.
I only do music that involves
working with words.
What led me to the visual arts
is working
with words.
Always the desire for an expressive
poetic, and that, of course,
I venture
into other languages,
but from them
in some way.
I think that poetry

é uma forma de resistência
à estagnação dos sentidos,
à "standartização"
da sensibilidade.
Então, numa sociedade onde
o excesso de informação,
comportamentos, vai se tornando
muito "standartizado",
muito habituado à repetição
das mesmas formas e fórmulas,
eu acho que a poesia,
mais do que nunca, é necessária
porque é justamente a fresta
por onde você sai um pouco
dessas regras,
vamos dizer assim.

De consciência,
de sensibilidade, tudo isso.

] "Alegria",
de Arnaldo Antunes]

]
Depois do "Nome", que era
esse projeto mais híbrido,
aí veio "Ninguém",
foi o primeiro disco que eu fiz
mais voltado
para a música mesmo.
E era uma reconquista
de público,
quase um recomeço
da carreira do zero.
Aí eu chamei o Liminha
pra produzir o "Ninguém".

]
E foi super legal, a gente
gravou com os músicos,
a maior parte das músicas com os
músicos tocando juntos mesmo.
O Pedro Ito na bateria.
O Peter Price numa percussão,
no Brasil,
terra de um monte
de percussionistas,
eu pus um percussionista inglês.
Zaba, com quem eu era
casado, nos teclados.
O Edgard Scandurra, que desde

o começo eu tinha chamado ele
pra participar do disco e tal.
E Paulo Tatit no baixo, que
havia sido um dos produtores
do "Nome", junto com o
Rodolfo Stroeter e comigo.
E era um disco também
cheio de estranhamento.
E aí teve um filme da
Laís Bodanzky,
"Bicho de Sete Cabeças",
e que ela usou umas cinco,
seis músicas do "Ninguém"
na trilha do filme.
E o filme foi um sucesso.
Um êxito super grande
de público, tudo isso.
E aí muita gente ficou
conhecendo essas músicas
mais pelo filme até
do que pelo meu disco.
Eu estava naquele recomeço
de carreira, meio devagar
depois do "Nome", que foi
um projeto meio traumático,
as pessoas ainda
estranhando muito.
A gente até precisa fingir
que é louco sendo louco.
Fingir que é poeta sendo poeta.
Vai até ali e leia.
] "O Buraco do Espelho",
de Arnaldo Antunes]
]
] O buraco do espelho
está fechado]
] Agora eu tenho
que ficar aqui]
] Com um olho aberto,
o outro acordado...]
[Arnaldo] E entraram de um jeito
tão orgânico ali,
que parece que eu fiz
as músicas para o filme,
não que elas já existiam.
] Mesmo que admitam
o meu regresso]

O filme todo é sobre
essa coisa da loucura, enfim.
Quem assistiu sabe a história.
A Laís me convidou para fazer
um clipe da música "Fora de Si"
na locação onde tinha sido feito
o filme, no hospício do filme,
e com alguns dos personagens.
Um que o Gero fazia
e um outro, enfim...
] "Fora de Si",
de Arnaldo Antunes]
] Eu fico louco]
] Eu fico fora de si]
] Eu fica assim]
] Eu fica fora de mim]
] Eu fico um pouco]
] Depois eu saio daqui]
] Eu vai embora]
] Eu fico fora de si]
] Eu fico oco
Eu fica bem assim]
] Eu fico sem ninguém...]
Essa imagem do maluco
eu tinha, na verdade,
desde a época dos Titãs,
mais até na época dos Titãs
do que na carreira solo.
Aquele maluco dos Titãs
era eu, né.
Eu acho que estranheza
é fundamental.
Você estranhar uma coisa,
isso te nutre de energia,
te nutre de impulsos.
Estranhamento na arte
é um dado essencial.
Essa identidade
como postura de palco,
a minha movimentação,
acho que isso sempre foi...
continua sendo até hoje
uma coisa bem evidente.
A gente levou uma vez o Haroldo
de Campos para assistir um show
com a gente, no ônibus
dos Titãs e tal.

[Todos cantam]

Haroldo! Haroldo! Olê olê olá!

[Arnaldo] E aí ele falou uma coisa que eu achei muito sagaz sobre a minha performance e a do Branco, ele dizia que eu era uma performance mais cubista e o Branco era uma coisa mais placentária, porque o Branco tinha uns movimentos assim...

E eu era uma coisa dos ângulos, sabe? De cotovelada, de chute.

] "Momento No. 4", de Arnaldo Antunes]

]

O Rodrigo Pederneiras, que é o coreógrafo do Grupo Corpo, ele me disse que ele iria se inspirar em alguma coisa da minha dança, igual eu fazia coreografia.

Eu fiz a trilha muito pensando que aquilo ia ser coreografado, dançado.

Acho que isso, não sei até que ponto ele chegou mesmo a se inspirar em alguma coisa assim, mas só o fato de ser inspirador pra ele, já achei super legal.

E eu realmente, vendo a coreografia do Corpo, eu super me identifico.

]

Inserir uma loucura é inserir uma diferença, uma novidade, uma sensibilidade, um dado inusitado, uma surpresa, enfim, uma informação nova para as pessoas.

Isso que a loucura é um pouco daí.

É aquilo que não é normal.
Tem uma música
que eu fiz que fala:
de normal bastam os outros.
] "O Silêncio",
de Arnaldo Antunes]
] Antes de existir computador
existia tevê]
] Antes de existir tevê
existia luz elétrica]
] Antes de existir luz elétrica
existia bicicleta]
] Antes de existir bicicleta
existia enciclopédia]
] Antes de existir enciclopédia
existia alfabeto]
] Antes de existir alfabeto
existia a voz]
] Antes de existir a voz
existia o silêncio]
] O silêncio]
Eu lembro de na época
estar muito impactado
com a coisa do Chico Science,
com Nação Zumbi,
e com o Carlinhos Brown,
que estava ali na parceria
dessa canção que dava título
ao disco, "O Silêncio".
Aí eu chamei os dois
pra participarem do disco.
Eu vi uma identidade
nesse sentido de ter
uma coisa híbrida,
meio inclassificável
no trabalho dos dois,
que era muito afinada
com o que eu estava
querendo fazer.
E esse disco ficou muito marcado
por essas participações,
por ser o disco seguinte ao
"Ninguém", com a formação ainda
daquela mesma banda,
mas um pouco mais sereno.
O fato de chamar "O Silêncio"
não é à toa.

] Música para ouvir]
Essa subversão da ordem,
seja comportamental,
estética, seja de discurso,
isso tudo é uma coisa
muito sedutora pra mim.
O meu repertório era esse.
Claro que mesclando
diferentes fontes,
mas sempre buscando
esse estranhamento,
vamos dizer assim.

] Música para fazer chover]

] Música para ninar nenê]

] Música para tocar na novela]

Uma coisa que tá boa mesmo,
o pessoal fala:

"Esse lance tá louco, hein."

Quer dizer, "tá bom"!

[risos]

] "O Mosquito",

de Arnaldo Antunes]

]

[Menino]

Meu nome é Arnaldo.

-Ahn?

Meu nome é Arnaldo.

[risadas]

Meu nome é Arnaldo.

Meu nome é Arnaldo.

-E você?

Meu nome é Arnaldo.

]

[risadas]

-Você, Angolana, diga.

-Fala, Angolana!

-Não corra não, você é linda!

]

[Arnaldo] Quando eu fui

pra Bahia fazer o "Paradeiro",

eu acho que foi uma

outra ruptura também

desse de gravar lá,

eu sempre gravava

os meus discos com os músicos

que estavam me acompanhando,

ou com os músicos que,

de certa forma, iam tocar
aquilo depois no show.
O "Paradeiro" não, eu falei:
Eu vou pra Bahia e quero fazer
com alguns músicos que eu levei
pra fazer uma coisa ou outra,
mas quero fazer também
com músicos de lá,
regimentados pelo Carlinhos.
Isso deu uma outra sonoridade,
inevitavelmente.

] O mosquito me beijou]

] O brejo era eu]

] A sanguessuga me chupou]

] O rato me roeu]

Eu sempre fazia uma demo
que chegava com os arranjos
semiprontos, dessa vez
eu cheguei só com as canções.
Eu fui só com o Alê Siqueira,
que coproduziu
junto com o Carlinhos,
já tinha produzido comigo
outras coisas,
mas queria muito
que o Carlinhos desse
a participação criativa
nos arranjos
e na regimentação dos músicos.

[Arnaldo]

Fala, fala. Manda.

Estamos em pleno
início de século,
pra vocês que vão assistir
essa fita no final do século 21,
estamos trabalhando pra ver o
que podemos dizer alguma coisa,
pra mais de cem anos à frente.

[Arnaldo] É isso aí.

[Carlinhos] Isso aí.

] "Atenção",

de Arnaldo Antunes]

]]

] Atenção]

] Essa vida contém cenas
explícitas de tédio]

] Nos intervalos da emoção]

] Atenção]

[Arnaldo] Fiquei morando lá
durante uns dois meses,
gravando disco,
foi uma experiência incrível,
porque lá no Candeal também,
que é uma galera
muito joia, simples,
você começa a ouvir
as histórias do bairro,
conviver com as pessoas,
tudo isso foi entrando e isso
reflete não só na sonoridade,
mas todo projeto gráfico,
tudo que cerca o universo
desse disco, foi muito vivido
no corpo a corpo ali
com aquele meio.

] Segunda sessão]

] Aqui não tem]

] Segunda...]

Olha, a gente comendo
na casa do Carlinhos,
acho que isso é durante
a gravação do "Paradeiro".
Tá o Alê ali, o Alê Siqueira,
que produziu com a gente.

Olha a gente na praia.

Acho que isso é no
mar de Massarandupió.

Tinha o vizinho e tinha esse
mar ali aberto, incrível!

] "Debaixo D'água",
de Arnaldo Antunes]

]]

] Debaixo d'água
tudo era mais bonito]

] Mais azul, mais colorido,
só faltava respirar]

] Mas tinha que respirar]

] Debaixo d'água
se formando como um feto]

] Sereno, confortável,
amado, completo]

] Sem chão, sem teto,
sem contato com o ar]

] Mas tinha que respirar]

Todo dia]
Cara, "Debaixo d'Água",
essa música,
eu fiz ela me lembrando
de um sonho que me marcou muito.
Eu tive um sonho que eu
respirava embaixo d'água
e era totalmente protegido,
nadando numa piscina mesmo
entre as pernas
dos banhistas e tal.
Estava totalmente protegido,
aí eu saía da água
e tinha umas pessoas meio que...
eu sentia algo ameaçador
e aí eu queria meio
que fugir delas.
E eu pulava de volta pra água,
como se na água
estivesse protegido.
] Sem fome, sem frio, sem medo,
sem vontade de voltar...]
Estamos na estrada da vida.
Espera aí, Brás,
esperar a mãe e as meninas.
E aí claro que a interpretação
que eu fiz desse sonho
era com a impossibilidade
de alcançar de novo
aquela plenitude
do estado fetal.
Enfim, a saudade da placenta,
da proteção absoluta,
quer dizer,
fiz essa associação
psicanalítica na minha cabeça.
Acabou a fita.
A fita, quando diz que acabou
ainda tem uns minutos.
] "Paradeiro",
por Marisa Monte]
]
] Haverá paradeiro
para o nosso desejo]
] Dentro ou fora de um vício?]
[Arnaldo] A canção "Paradeiro"
já era um laço, assim,

que foi uma melodia
que Marisa fez com Carlinhos,
eles me mandaram,
eu tinha feito a letra
já com o desejo de gravar
nesse disco.

] Uns preferem dinheiro
Outros querem um passeio]
] Perto do precipício]
[Arnaldo] E aí tivemos a ideia
de chamar a Marisa
pra cantar comigo
e aí juntamos os três parceiros
dessa canção lá na Bahia.

Mas esse encontro na Bahia
foi muito mágico.

] Haverá paradeiro
para o nosso desejo...]
Ela chegou, ela tinha
que gravar a voz dela,
mas a gente começou
a fazer música juntos
e eu sei que a Marisa...

Eu nem me lembro
a ordem das coisas.

[música pelo gravador]

[Arnaldo]

É!

[Marisa cantarolando]

[Arnaldo]

É! É isso.

[cantarolando]

Aí que ela nasceu.

A gente para...

Então é, então é...

[Arnaldo] É o registro da
gênese da canção, maravilhoso!

] "Pecado é lhe Deixar de Molho,
por Tribalistas]

] Se você fez questão
de vagar o mundo]

] Não vou descuidar]

] Vou lembrar como é bom
e ao amor me render]]

[Arnaldo] Lindo, hein!

[Carlinhos] Que negócio, né.

[Arnaldo]

Parece um clássico.

Essa que vocês fizeram
por telefone?

[risadas]

[Arnaldo]

Ela foi ficando na Bahia,
e a gente começou a compor e ela
foi pra ficar um, dois dias,
ela ficou quase uma semana,
uns quatro, cinco dias.

Todo dia ela adiava o voo
dela pro dia seguinte, enfim,
aquilo foi se estendendo.

E a gente fez
muita música juntos.

[cantarolando]

Deixa eu vou gravar também.

Inesquecível.

Você vai adorar,
é a tua cara, olha...

] Já sei namorar]

] Já sei beijar de língua
agora só me falta sonhar]

[risadas]

[Arnaldo]

É muito bom.

] Não sou de ninguém,
eu sou de todo mundo]

] E todo mundo me quer bem]

[Arnaldo]

E aquilo foi brotando.

Fizemos todo aquele repertório
em alguns dias.

] Tem cheiro de mijo...]

[Arnaldo] A gente ficava
até de madrugada compondo,
na casa do Carlinhos e tal.

A gente ia dormir, sei lá,
03h da manhã
e não conseguia dormir.

] Os tribalistas

já não entram em questão]

] Não entram em doutrina,
em fofoca ou discussão]

[Arnaldo] Eu ficava

com as músicas na cabeça,
e quando conseguia dormir,

acordava no dia seguinte
já louco pra voltar
para o estúdio, quer dizer,
é muito obsessiva a entrega
ao processo de ver aquilo
sendo parido.

A gente quando viu esse
repertório composto junto,
a gente falou: "A gente tem
que registrar isso junto,
vamos gravar juntos e tal."
Isso só pôde acontecer um ano
depois, quando a agenda
de cada um permitiu,
e aí gravamos no Rio e tal.

♪ Tríade, trinômio,
trindade, tripé, tribo ♪

♪

♪ Os tribalistas

já não querem ter razão ♪

♪ Não querem ter certeza ♪

♪ Não querem ter juízo

nem religião ♪

♪ Os tribalistas

já não entram em questão ♪

♪ Não entram em doutrina,

em fofoca ou discussão ♪

♪ Chegou o tribalismo

no pilar da construção ♪

♪ Pé em Deus e Fé na Taba ♪

♪ Pé em Deus e Fé na Taba ♪

[Arnaldo] Foi surpreendente

pra cada um de nós,

porque foi um projeto

muito espontâneo,

o disco se fez pra gente,

mais do que a gente falar:

"Vamos fazer um disco

com uma estratégia de marketing

ou algum plano de retorno

daquilo." Não tinha.

A gente fez as canções

e falou:

"Nossa, temos essas

canções aqui."

A gente adorando elas

e querendo cantar junto,

querendo registrar junto
porque não tinha como não.
E aí quando sai
fez um sucesso tremendo,
teve uma repercussão
internacional grande.
Foi durante um tempo a música
mais tocada em países
como Itália, Espanha,
Portugal, Argentina, enfim.
Teve um tamanho
que a coisa ficou grande.
] Chegou o tribalismo,
mão no teto e chão no pé]
] Pé em Deus e Fé na Taba]
] Pé em Deus e Fé na Taba]
] Pé em Deus]
]
Isso é "Palavra Desordem".
A gente não sabe a origem
da linguagem qual que é.
Como é que o grunhido
virou palavra.
"Sempre sem pressa".
Essa origem da linguagem
que vem das coisas,
que a linguagem presentifica
as coisas do mundo,
essa origem que a gente
não sabe, mas supõe que possa
ter existido,
a gente meio que reconstitui
isso quando a gente faz poesia.
Eu acho que eu tenho
essa obsessão, assim,
com foco e definição de estar
dizendo muito claramente
uma coisa.
"Perder liberta".
Mas o fato de perseguir isso
já me levou a caminhos,
vamos dizer assim,
estéticos e especulativos.
Muitas vezes tem esse tom
quase didático
de você estar dizendo uma coisa
que você acha que tem que ser

um axioma, sei lá.

[risos]

] Sou a madeira

que sempre fico na bera]

] Perfume de sarro e cera]

] Que dança no seu beicinho]

] É evidente que sou preso
pelos dentes]

] Chaminé dos inocentes]

] Embebedo de mansinho]

] Tá assustado?]

] Tá assustado?]

]

Essa coisa de cantar junto
com Marisa e Carlinhos
ali nos Tribalistas, tinha
uma coisa de colocar minha voz
pra timbrar
junto com a deles.

Acho que eu aprendi muito
do meu canto com isso, sabe?

Como emitir, acho que o
"Saiba", por exemplo,
que vem logo depois do disco
dos Tribalistas,
tem essa coisa de uma suavidade
maior no canto mesmo.

] "Saiba",

de Arnaldo Antunes]

] Saiba, todo mundo foi neném]

] Einstein, Freud

e Platão também]

] Hitler, Bush e Sadam Hussein]

] Quem tem grana

e quem não tem]

"Saiba" é uma canção de ninar,
um acalanto,

e acabou sendo legal
porque acabou dando um sentido
mais abrangente, que deu nome
ao disco como um todo.

] Arquimedes, Buda, Galileu]

] e também você e eu]

E aí tive a ideia de pôr
os pézinhos,

que é uma identidade
quando você nasce.

Eu achei o documento
da maternidade onde minha mãe
me teve, com a marca ali,
o carimbinho do meu pé,
e fiz o projeto
gráfico em cima disso.

┌ Onde cabem coração,
cabeça, tronco e membros ┐

┌ Soltos no ar ┐

┌ Como cada gesto cabe
no seu movimento ┐

┌ Muscular ┐

"Cabimento" é uma parceria
com Paulo Tatit,

é uma canção bem serena,
ele fez a melodia,

eu fui construindo
a letra em cima

e é uma canção mais metafísica,
mais filosófica.

Sobre a existência mesmo,
fala minha mãe, minha avó,
coisa ancestral

e o que vem depois de mim,
se a gente cabe nos lugares,
o que cabe dentro
das coisas, enfim.

Essa coisa de não ter
cabimento para crescer.

"Qualquer" já é um disco
que eu fiz intencionalmente
sem baterias, sem nenhum
instrumento de percussão,
só com instrumentos de corda
e piano.

Com essa intenção de um dia,
nesse disco,

eu vou cantar todas as músicas
nesse registro mais natural
possível da minha voz,
mais grave, tudo isso.

Então, foi um investimento na
canção e num canto mais sereno.

E a gente depois gravou
o ao vivo no estúdio,
que é o show do "Qualquer"
em DVD.

] Peço por favor]
] Se alguém de longe
me escutar]
] Que venha aqui pra me buscar]
] Me leve para passear]
] No seu disco voador]
] Como um enorme carrossel]
] Atravessando o azul do céu]
É uma canção de entrega
ao desconhecido,
eu digo isso no show quando
eu vou cantar ela.
A coragem, o desejo
de você se abrir ao...
aí, no caso, ao alienígena,
pode ser uma metáfora
de qualquer experiência nova,
vamos dizer assim.
Mas daí, depois de um tempo,
eu comecei a sentir saudade
de uma banda com mais
peso sonoro.
] Com ar e com fumaça,
com coco e com cabaça]
] No mar ou no chuveiro,
com ou sem dinheiro]
] Meu bem, o que você pedir
eu dou]
] O que você quiser saber,
I know]
E ao mesmo tempo eu fui
compondo muitas coisas
que tinham esse sabor
meio "iê iê iê",
que eu considero que é um
rock n' roll mais melódico,
com discurso muito direto,
mais pueril ao mesmo tempo,
a gente não precisava ser
pueril nas letras
como era o "iê iê iê"
daquela época.
Trazendo o universo
do "iê iê iê",
mas criando uma coisa original,
contemporânea à nossa época.
] O que você quiser que eu seja,

eu sou]
] Meu bem, aonde você for,
eu vou]
Então, eu tenho muitos
parceiros diferentes
e as parcerias eu acho
que vão acontecendo.
Pra mim, a coisa de vida
é muito misturada
com a coisa de trabalho.
Qualquer projeto criativo
conjunto acaba gerando
uma relação afetiva e eu acabo
sempre criando essa ponte
entre os afetos e a criação.
E aí as relações pessoais,
os afetos se misturam com...
"Pequeno Cidadão"
é um pouco isso.

]
Eu, Taciana, Edgard
e Antônio Pinto somos músicos,
somos pais.
E a gente fica fazendo música
para os filhos o tempo todo.
Pra comer, pra brincar,
na hora de dormir...

] O sol pediu a lua
em casamento e a lua...]
A gente se juntou
pra mostrar esse repertório
de músicas feitas, pra compor
pra criança e tal,
mas era um jeito, também,
de juntar a família,
de estar trabalhando
com nossos filhos.
Eles participaram do disco,
depois fizemos um show
com os filhos.
Era uma farra poder viajar,
fazer show com eles,
era muito prazeroso incluir
a coisa da família
na coisa profissional.
O Brás e o Tomé,
os meus filhos menores,

participavam do show.

♪ "Leitinho",

de Pequeno Cidadão ♪

♪

♪ Ai, ai, que leitinho bom ♪

♪ Ai, ai, que leitinho bom ♪

♪ Um leitinho é muito bom ♪

♪ Um leitinho... ♪

Essa música eu fiz pro Tomé
quando era nenê.

♪ Um leitinho é muito bom ♪

♪ Leitinho pro nenê ♪

♪ Larga, larga,

lagartixa, que ela é do bem ♪

♪ Larga, larga,

lagartixa, que ela é do bem ♪

♪ Ela chupa o pernilongo ♪

A gente convidou um artista
diferente pra fazer cada canção.

Tem uns que é com colagem,
outra é com stop motion de cenas
filmadas com bonequinhos,
outra é com desenhos,
outra é desenho feito em cima
de cena filmada.

Ficou assim quase que uma
mostra de um panorama
de quem tá trabalhando
om animação atualmente
em São Paulo.

Eu adoro.

O resultado do DVD
foi muito legal.

[risos]

As relações afetivas minhas
acabam se tornando também
relações de trabalho,
e as pessoas com quem eu
trabalho acabam se tornando
relações de amizade, de afeto
também, muito intensas.

Então, as pessoas com quem eu
estive casado, com a Go,
a gente fez exposições
juntos, caligrafias.

Com a Zaba, ela tocava
na banda teclado,

fizemos o projeto gráfico
de vários discos e tal.
Com Marcinha fiz esse livro
"Et Eu Tu",
e fizemos vários trabalhos
em colaboração.
Ela fez cenário de alguns
shows, faz projeção
nas minhas performances.
Meus filhos, acabo convidando.
Convidei a Rosa pra fazer
as ilustrações do livro
"As Coisas", em 92.
E foi incrível.
Alguns textos eu lia pra ela
e ela fazia,
outros eu só dizia: "Esse
é sobre isso. Desenha isso".
Ela foi fazendo rapidamente
e ficou muito legal.
E muitos anos depois,
depois de ter tido a Celeste,
o Brás, aí nasceu o Tomé,
e quando ele tinha três anos,
ele dizia coisas incríveis,
eu comecei a anotar
as frases dele.
Pensei: "Isso daria
um livrinho bacana."
"Frases do Tomé aos Três Anos",
ilustradas por mim.
Então, eu acho que esse livro
acabou sendo como se um
espelho invertido, duas coisas,
que eram textos meus
ilustrados pela minha filha
mais velha aos três anos,
esse aqui são frases do meu
filho mais novo aos três anos
e ilustradas por mim.
Boa noite.
[ovação]
Uma alegria ter aqui
vocês todos
aqui na minha casa
para o nosso "iê, iê, iê, iê".
Espero que vocês se divirtam daí

tanto quanto a gente daqui, ok?

A casa é de vocês.

]

Era o meu aniversário de 50 anos

junto no ano que eu fiz

esse show e essa gravação

do DVD.

] "A Casa É Sua",

de Arnaldo Antunes]

] Não me falta cadeira]

] Não me falta sofá]

] Só falta você

sentada na sala]

] Só falta você estar]

Esse DVD, a ideia foi isso,

fazer uma festa para os amigos

na minha casa

e fazer o show e gravar.

] Não me falta tapete]

] Só falta o seu pé descalço

pra pisar]

Quando eu mudei,

eu vi que tinha aquela laje,

aquele terracinho ali.

Eu falei: "Isso é um palco

perfeito,

eu quero fazer um dia um show

aqui na minha casa", e tal.

E aí foi aquela loucura, porque

a produção toda tirou uma parte

do telhado pra passar

o trilho da câmera,

mas foi uma delícia essa coisa

de fazer um show para os amigos.

Você vê que tem um astral

que não é qualquer show que tem.

E aí a coisa de ter

os amigos ali assistindo,

mas também receber amigos,

a banda, os convidados.

Os "Demônios da Garoa"

fazendo a abertura do show.

[aplausos]

Agora vou chamar o segundo

convidado aqui dessa noite,

e a gente hoje vai ter

o prazer de compartilhar

o astral de Jorge Ben Jor.

[ovação]

Boa noite, eu quero dizer

eu que tive a honra

de participar com ele.

Salve, maravilha!

] "As Árvores",

de Arnaldo Antunes]

]]

] As árvores são fáceis

de achar]

] Ficam plantadas no chão]

] As árvores são fáceis

de achar]

] Ficam plantadas no chão]

Diz.

] As árvores são fáceis

de achar]

] Ficam plantadas no chão]

[Arnaldo] Você sabe que a gente

tinha feito um arranjo

de "As Árvores" pra fazer

juntos com ele.

Ele chegou com uma fita cassete

com o arranjo

totalmente diferente,

outra harmonia e tudo.

Eu falei: "Vamos na sua, esquece

o arranjo que a gente fez."

Todo mundo pegou ali na hora

e fomos na onda dele.

Ele ficou super feliz

e foi lindo esse arranjo aí.

]]

[Arnaldo]

Olha que delícia.

]]

Ter esses amigos ao longo de

muitos anos, esses convidados,

e esses parceiros, essa banda,

tudo isso é fruto do tempo,

eu acho.

E aí tem essa música

"Envelhecer",

que comenta um pouco isso.

] A coisa mais moderna que

existe nessa vida é envelhecer]

] A barba vai descendo
e os cabelos vão caindo]
] Pra cabeça aparecer]
A questão da idade, o desejo
de manter uma inquietude,
tentando ter o que há de
qualidade na passagem do tempo,
na chegada da velhice
e tudo isso.

] Os outros vão morrendo...]

Olha só o Ali!

Que maravilha.

O Valtão.

Carlinhos Rennó.

Marina.

Qua barato, cara.

O Lulu.

Muito bom,

lançamento do "Atlas" no Rio.

Com Caetano.

Nelsinho Motta, Marisa.

Cazuza, que legal!

Que delícia, cara.

Que emoção,

eu nunca mais vi isso.

Aí tem os encontros,

eu e Elza, olha que maravilha.

Era "Paradeiro",

pelo meu figurino.

Aqui eu e Arthur.

Serginho Groisman.

Augusto, que bacana.

Cássia, que barato!

E aqui com Titãs no "Acústico",
o primeiro reencontro da gente
no palco depois da minha saída.

Edgard é uma presença incrível.
Eu sempre admirei ele muito.

Guitarra é uma

plataforma pra ele.

E com ele eu acabei indo
pro Mali gravar esse disco,

"A Curva da Cintura",

junto com o Toumani Diabaté,

um grande músico,

tocador de kora,

e é um disco de composições

em parcerias minhas com Edgard.
Eu ainda menino assistia ali
ao vivo Cartola,
Nelson Cavaquinho, Clementina,
na quadra do meu colégio.
Depois, mais tarde, virar
parceiro do Paulinho da Viola,
compartilhar um almoço
na mesma mesa que o Riachão.

[risos]

Enfim, eu estou realizado
para o resto da vida, entendeu?
Já tô no lucro,
eu posso morrer tranquilo.

[risos]

]

[ovação]

[som de água corrente]

Nem o que fiz porque quis
me faz feliz.

Nem me entristece o que fiz,
mas não quis.

Nem me seduz o que não fiz.

Nem me conduz o que jaz.

Nem me apras esse triz.

Nem o que desfaz esse
triz me traz paz.

Nem essa paz tanto faz,
nem tanto diz o que a voz faz.

Nem o que a voz diz
vem só da tez.

Nem só de Deus há mudez.

Nem Deus é só três, nem se usa
a mesma luz mais de uma vez.

[ruído de projetor]

Eu estou achando tão lindo tudo
aqui iluminado em volta.

] "O Que", de Titãs]

]

] Que não é o que
não pode ser que]

] Não é o que não pode
ser que não é]

] O que não pode ser que não]

] É o que não]

] Pode ser

Que não]

] É]

]

Nem sei que indivíduo eu sou,
eu sou um fragmento de olhares
alheios que me compõem.
Eu não tenho uma natureza,
um eu,
eu sou do mundo, entendeu?

Grazie.

Então eu sou a síntese de todos
os olhares possíveis
que existem sobre mim também.

[risos]

Essa fronteira entre interior
e exterior, não tem um eu.

[risos]

]

O eu é o mundo voltado
para uma experiência do mundo.
Que passa por sensações
e tudo isso.

Eu questiono um pouco
essa coisa,
por que tem um "eu" Arnaldo?
Não.

Eu sou um resultado
do que a vida tá passando
por esse momento
presente, enfim.

[riso]

[estalos do fogo]

"Outros 40".

[suspiro]

"Sempre acreditei que qualquer
pessoa pode ser um artista
em seu ofício.

Talvez porque a natureza da arte
venha menos do que se faz
e mais do como se faz algo.

A lavadeira ensaboando
as roupas no tanque.

O guarda de trânsito
acenando para os carros.

A secretária batucando
no teclado do computador.

Todos podem exercer
suas atividades

com a mesma intensidade
que caracteriza o que chamamos
de arte,
apenas pela maneira
de se entregarem a elas".

É um pouco isso.

♪ "Eu Todo Mundo",
de Arnaldo Antunes ♪

♪

♪ Eu não queria
que todo mundo pensasse ♪
♪ Que era o que eu não sabia ♪
♪ Que todo mundo queria
que eu pensasse ♪

♪ Que todo mundo sabia
Que eu era o que não queria ♪

♪ Que todo mundo pensasse
que eu era todo mundo ♪

♪ Que eu era todo mundo ♪

♪ Eu não queria
que todo mundo pensasse ♪

♪ Que era o que eu não sabia ♪

♪ Que todo mundo queria
que eu pensasse ♪

♪ Que todo mundo sabia
que eu era o que não queria ♪

♪ Que todo mundo pensasse
que eu era todo mundo ♪

♪ Que eu era todo mundo ♪

♪ Eu, eu, eu, eu, eu, eu ♪

♪ Todo mundo, todo mundo,
todo mundo ♪

♪ Eu, eu, eu, eu, eu, eu ♪

♪ Todo mundo, todo mundo,
todo mundo ♪

♪ Eu não queria
que todo mundo pensasse ♪

♪ Que era o que eu não sabia ♪

♪ Que todo mundo queria
que eu pensasse ♪

Legendas Descritivas/LSE

IGUALE